



Munich Personal RePEc Archive

**Short or Long? A comparative study on  
the contributions of Hobsbawm and  
Arrighi to the XXth Century Economic  
Historys interpretation**

Souza, Luiz Eduardo Simões de

Grupo de Estudos em Economia Política e História Econômica,  
Universidade Federal de Alagoas

10 April 2010

Online at <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/29923/>  
MPRA Paper No. 29923, posted 29 Mar 2011 13:08 UTC

# Breve ou Longo? Um estudo comparativo entre as contribuições de Hobsbawm e Arrighi para a interpretação da História Econômica do século XX

*Luiz Eduardo Simões de Souza*

*Prof. Adjunto - Universidade Federal de Alagoas (UFAL)*

## RESUMO

O presente estudo visa realizar um estudo comparativo entre as visões de Eric Hobsbawm e Giovanni Arrighi sobre as transformações econômicas do século XX. Em nossa visão, há diferenças de método e enfoque as quais tornam a comparação um exercício de discussão de método na História Econômica. Hobsbawm, por exemplo, defende a compreensão do século XX como um período breve, limitado basicamente pela disputa entre os EUA e a URSS pela supremacia mundial. Os marcos para Hobsbawm seriam a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e o fim da URSS (1991). Já para Arrighi, o enfoque estaria na afirmação da supremacia estadunidense e na consolidação dos sistemas de economias-mundo designados a partir de meados do século XIX. Além da óbvia diferença de marcos e enfoques, há mais o que se discutir metodologicamente – sobretudo no campo da compreensão de História Econômica – de ambos os autores. Tal discussão perpassa processos como a expansão político-militar e as revoluções tecnológicas do período. Este estudo visa, então, aprofundar algumas questões já presentes em uma primeira comparação, como a citada, e levantar outras para debate.

Palavras-Chave: História Econômica; História Contemporânea; Sistemas-Mundo; Eric Hobsbawm; Giovanni Arrighi.

## ABSTRACT

This study aims to conduct a comparative study between the visions of Eric Hobsbawm and Giovanni Arrighi on the economic transformations of the twentieth century. In our view, there are differences in methodology and approach which makes the comparison a matter of methodological discussion in Economic History. Hobsbawm, for example, maintains an understanding of the twentieth century as a brief period, limited primarily by the dispute between the U.S. and the USSR for world supremacy. The historical milestones for Hobsbawm would be the First World War (1914 - 1918) and the end of the USSR (1991). According to Arrighi, the focus would be on the assertion of American supremacy and consolidation of systems designated from the mid-nineteenth century. Besides the obvious difference of approaches and frameworks, there is more to discuss methodically - especially in the field of understanding of economic history – from both authors. This thread runs through processes such as military-political expansion and technological revolutions of the period.

KEYWORDS: Economic History; Contemporary History; World-Systems; Eric Hobsbawm; Giovanni Arrighi.

## Breve ou Longo? Um estudo comparativo entre as contribuições de Hobsbawm e Arrighi para a interpretação da História Econômica do século XX

*Luiz Eduardo Simões de Souza*<sup>1</sup>

O presente estudo visa realizar um estudo comparativo entre as visões de Eric Hobsbawm e Giovanni Arrighi sobre as transformações econômicas do século XX.

Em nossa visão, há diferenças de método e enfoque as quais tornam a comparação um exercício de discussão de método na História Econômica. Hobsbawm, por exemplo, defende a compreensão do século XX como um período breve, limitado basicamente pela disputa entre os EUA e a URSS pela supremacia mundial.

Os marcos, para Hobsbawm, seriam a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e o fim da URSS (1991). Já para Arrighi, o enfoque estaria na afirmação da supremacia estadunidense e na consolidação dos sistemas de economias-mundo designados a partir de meados do século XIX<sup>2</sup>.

Além da óbvia diferença de marcos e enfoques, há mais o que se discutir metodologicamente – sobretudo no campo da compreensão de História Econômica – de ambos os autores. Tal discussão perpassa processos como a expansão político-militar e as revoluções tecnológicas do período. Este estudo visa, então, aprofundar algumas questões já presentes em uma primeira comparação, como a citada, e levantar outras para debate.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Econômica – Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

<sup>2</sup> Recentemente, na obra *Adam Smith em Pequim*, Arrighi apontou a ascensão da economia Chinesa como o “início do fim” da supremacia norte-americana, marcando com isto o final do “longo século XX” e o advento de uma nova forma de capitalismo, ou *sistema-mundo*.

Uma primeira diferença de enfoque entre Arrighi e Hobsbawm aparece assim que os títulos das obras em questão são comparados. Hobsbawm define o século XX como um período “breve”, iniciado com a deflagração da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), e delimitado por três “eras”, a saber, uma de “catástrofe” (1914 – 1945), outra de “ouro” (1945 – 1973), e outra de “desmoronamento” (1973 – 1991). O fim da URSS, em 1991, e o colapso dos regimes socialistas do leste europeu marcariam o final do século XX, para o historiador.

A coesão entre esse três períodos, segundo Hobsbawm, é dada pelo surgimento do equilíbrio econômico-político entre capitalismo e socialismo. A principal potência capitalista do século XX, os EUA, teriam sua supremacia afirmada por sobre o mundo ocidental, com raras exceções, no período. Ao longo do século, os EUA teriam superado e agregado à sua zona de influência tanto o antigo Império Britânico, principal potência do século anterior, quanto suas principais rivais – Alemanha e França – e mesmo uma forte antítese ao poder britânico surgida no oriente, o Japão.

A principal força opositora ao capitalismo norte-americano surgiria em meio à Primeira Guerra Mundial, em plena Revolução Russa (1917). A partir dali, fosse sob a forma de aliança, fosse sob o antagonismo da Guerra Fria, os mundos socialista e capitalista estariam ligados entre si na condução de suas políticas internas e externas. O equilíbrio de forças estabelecido após a Era da Catástrofe (1914 – 1945), marcada pelas duas guerras mundiais (1914 e 1939), além da Crise de 1929, seria o fator causal de fenômenos históricos como a Corrida Armamentista e a composição de uma Organização das Nações Unidas, e mesmo, no plano das idéias políticas, de formas tão esquizóides como os Totalitarismos, o Estado do Bem-Estar, e o Populismo. O mesmo se dá com formas econômicas como a NEP (Nova Economia Política) leninista dos anos 1920 e o Keynesianismo, sobretudo em sua forma cronologicamente mais próxima da década de depressão econômica mundial que se seguiu à Crise de 1929. A periferia dessa ordem econômica e política seria obrigada a dividir-se também entre as duas potências, EUA e URSS.

Esse sistema entraria em crise, segundo Hobsbawm, a partir de meados da década de 1970, com a falência do planejamento econômico da URSS e dos países do Leste Europeu, de um lado, e da crise do estado Keynesiano, de outro. Hobsbawm realiza seus recortes cronológicos, então, a partir da seguinte perspectiva: os EUA não seriam um país poderoso e influente o bastante para assumir a supremacia mundial, até que Alemanha, França e Inglaterra não estivessem mais em condições de competir pela condição de potência capitalista. Adicionalmente, tal supremacia se deu à sombra da contraposição com o mundo socialista, marcado pela URSS e seus países-satélites, além da China e algumas outras ex-colônias que tentaram, ao menos por algum tempo, a via socialista.

É exatamente desse ponto que parte o contraponto de Arrighi. Para ele, o “longo” século XX é o século da afirmação dos EUA como potência incontestada, processo que tem início com a consolidação do território estadunidense, na década de 1860, e afirma-se progressivamente até 1990. O colapso da URSS se dá, para Arrighi, no zênite do poder dos EUA, o momento em que estes se tornam a potência militar e econômica incontestada do planeta. Na verdade, Arrighi busca deixar de lado a primazia da visão de Estados-Nações disputando a supremacia do poder mundial, consolidada ao longo da historiografia do século XX<sup>3</sup>, da qual se pode considerar mesmo o marxista Hobsbawm como tributário, para adotar uma perspectiva de consolidação de sistemas-mundo. No caso, após suas formas mercantil-genovesa, mercantil-holandesa e industrial-britânica, o capitalismo do século XX adotaria o perfil das corporações predominantemente norte-americanas, em um processo crescente de expansão mundial, que teria sua consolidação exatamente no início dos anos 1990.

A perspectiva de Arrighi também é tributária, até certo ponto, da concepção de *longa duração* e de *ondas longas* de Fernand Braudel. Para Braudel, a história universal se daria na composição de diversas ondas, de diferentes durações, com diferentes “tempos”, nos quais as transformações econômicas de longo prazo se dariam na base de

---

<sup>3</sup> Nos referimos à tradição iniciada com *O Declínio do Ocidente*, de Oswald Spengler (1918), que inaugura, de certa forma, tal historiografia, e que encontra um de seus pontos altos na obra de Paul Kennedy, *Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000*. (edição em português pela Campus, 1989).

ondas mais estreitas e de maior visibilidade aos analistas, como as mudanças políticas, culturais e sociais<sup>4</sup>.

Ao observar a história universal a partir da afirmação de modos de produção, em suas distintas variedades, mas com alguns elementos característicos comuns, Arrighi vê na afirmação do poder estadunidense a consolidação de uma variedade específica do modo de produção capitalista. Mais do que os eventos, como marcos divisórios, Arrighi observa um movimento de longa duração, qual seja a transformação do modo capitalista de produção, em meio a antíteses e alternativas presentes em diferentes momentos do século XX.

A comparação entre Arrighi e Hobsbawm, nesse aspecto – o dos cortes cronológicos – revela, então, duas camadas de entendimento, em nosso ver. Na superfície, é possível ver no historiador anglo-alexandrino o resquício de um viés não apenas territorial, mas mesmo de um enfoque de carreira. As principais obras de Hobsbawm concentram-se na história da Europa no século XIX<sup>5</sup>. O economista italiano Arrighi, que passou a dar maior enfoque em seus estudos sobre sistemas-mundo a partir de sua ida aos EUA, no final dos anos 1970, oferece, por sua vez, uma visão mais global do processo. Enquanto *Era dos Extremos* pode ser visto como uma espécie de continuidade ao trabalho de Hobsbawm sobre o século XIX, *O Longo Século XX*, de Arrighi, compõe, com os posteriores *Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial* e *Adam Smith em Pequim*, uma trilogia sobre o capitalismo em perspectiva histórico-mundial.

Dessa forma, Arrighi compõe com outros autores, como Immanuel Wallerstein, a *teoria dos sistemas-mundo*. Ao se abordá-la, em particular, uma nova camada de entendimento comparativo sobre as duas obras surge. Enquanto Hobsbawm se preocupa, em um caráter quase confessional de sua obra, com respostas a certas perguntas concernentes ao século em questão – *o socialismo real teria sido realmente socialista ?* ou *o que teria determinado a sobrevivência do capitalismo após a crise de*

---

<sup>4</sup> É possível ver-se essa concepção em uma palestra transcrita de Braudel *La Dinâmica Del Capitalismo*. Mexico: Fondo de Cultura Económico, 1985 (1976).

<sup>5</sup> *A Era das Revoluções, A Era do Capital, e A Era dos Impérios*, que perfazem uma trilogia sobre a história do século XIX, com enfoque predominantemente europeu.

1929 ? ou ainda *o que o totalitarismo deveria ao capitalismo ou ao socialismo ?* – em última análise questões também cruciais para o entendimento de sua própria época, Arrighi, por sua vez, faz uso da teoria de sistemas-mundo para lançar as raízes de seu entendimento do século XX a, mais ou menos, seis séculos dele. As perguntas para Arrighi se formulam em outro campo : enquanto Hobsbawm procura por outra nação, Arrighi procura por outra forma de acumulação capitalista no horizonte do século passado.

Entre historiadores e economistas – ainda mais entre historiadores econômicos, em nossa opinião – muito da das diferenças de interpretação de fatos históricos decorrem de diferentes concepções entre *curto* e *longo* prazo. Não é exceção o resultado de nossa comparação entre as perspectivas de Arrighi e Hobsbawm em suas respectivas obras.

A concepção de prazo, para a análise histórica realizada a partir do início do século XX, está próxima da idéia de *duração*. Nela, as linhas básicas das escolas historiográficas dos Annales, sobretudo nas contribuições de Lucien Lefevre, Marc Bloch e Fernand Braudel<sup>6</sup>, na qual os movimentos identificados e suscetíveis ao entendimento do historiador apareceriam em diferentes tempos, de cuja inter-relação se faria a análise histórica em si. A identificação de “diferentes tempos” – social, econômico, político, cultural – determinaria a precisão da análise, dada sua abrangência.

O estudo da história contemporânea – ou história do tempo presente, como afirmariam algumas linhas de pensamento historiográfico – é, mesmo, dentro da metodologia da história, considerado por algumas linhas ainda hoje como uma temeridade, posto que envolveria a presença de um agente partícipe em sua análise – o historiador.

---

<sup>6</sup> Veja-se para tanto o texto de Braudel: "História e ciências sociais: a longa duração". In: *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978, pp. 41-77.

As concepções de curto e longo prazos, para os economistas, não são menos ricas e sinuosas<sup>7</sup>. A despeito disso, há a rígida concepção da escola neoclássica, na qual os prazos servem à fixação ou ao movimento de variáveis econômicas. Uma transposição dessa rigidez se dá na concepção neoclássica dos ciclos econômicos, sobretudo nas obras de Stanley Jevons, Wesley Mitchell e mesmo do jovem Joseph Schumpeter, da *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. A identificação empírica de ciclos econômicos também parece ter sofrido influências de tal visão estática, vide um grande denominador comum entre os estudiosos do assunto (e mesmo entre Hobsbawm e Arrighi), qual seja a teoria de *ondas longas* do capitalismo, de Nikolai Kondratiev, que, em seu texto original, atribui a razão das ondas a mudanças de curto (disponibilidade de ouro) e longo (tecnologia) prazos.

Voltando mais diretamente ao objeto do texto, é paradoxal que a visão de Hobsbawm se aproxime mais – mesmo sendo o historiador declaradamente marxista<sup>8</sup> – das premissas neoclássicas de curto e longo prazos da economia (em alguns momentos, sobretudo nas críticas ao neoliberalismo, tendendo ao keynesianismo), ao passo que Arrighi, um economista de formação originalmente neoclássica, tenha incorporado à sua concepção de sistemas-mundo, uma visão mais “histórica” de integração dos diferentes tempos<sup>9</sup>. O enfoque de Arrighi, mais voltado às mudanças estruturais no sistema-mundo<sup>10</sup>, em comparação com o peso exclusivo de Hobsbawm no conflito entre potências antagônicas<sup>11</sup>, termina por, mesmo lançando raízes mais remotas em sua análise, atingindo um maior poder de provocar novas especulações sobre o futuro do novo século. Em última análise, não seria este o objetivo do estudo da epopéia humana sob a organização em sociedade?

---

<sup>7</sup> Veja-se para tanto a monumental *History of Economic Analysis*, de Joseph Schumpeter (1954).

<sup>8</sup> Em uma obra posterior, *Sobre História* (Companhia das Letras, 2000), Hobsbawm demonstra, em duas transcrições de palestras proferidas, amplo conhecimento da teoria econômica neoclássica.

<sup>9</sup> Mesmo a incorporação das « ondas de Kondratieff » da parte de Arrighi, recebe a colaboração de economistas claramente heterodoxos e até marxistas, como Ernst Mandel, por exemplo.

<sup>10</sup> O que não impede que este identifique movimentos claramente de « curto prazo » na economia, como investimentos de financiamento e outros.

<sup>11</sup> As quais, mesmo assim, causavam certos embaraços de entendimento ao historiador, obrigado a atribuir por vezes na obra, certa sobrevivência do “lado capitalista” à existência do “lado socialista”, e vice-versa (vide obra).



Uma outra questão nos parece, por fim, sugerir uma última provocação qualitativa a ser feita a respeito de uma comparação entre um século XX breve ou longo. Trata-se de um enfoque que é quase que completamente obnubilado por Hobsbawm, talvez por sua preocupação em apresentar os EUA como, de certa forma, herdeiros do Império Britânico. Trata-se do poder crescente das corporações sobre os estados, fenômeno observado em maior monta a partir das primeiras décadas do século XX. É nele que Arrighi se sustenta, ao afirmar tanto a supremacia norte-americana sobre as demais outras formas no início de seu “século”, como ao lançar sobre os mesmos a sombra de sua superação, dada por uma forma que transcende o próprio estado nacional, no final dos anos 1980: as corporações.

Como fechamento dessas notas, que buscaram mais apresentar alguns resultados de elucubrações comparativas entre Arrighi e Hobsbawm e propor algumas outras questões para debate, do que propriamente apresentar uma leitura “fechada” dessas duas grandes análises do século XX, apresentamos algumas questões finais, que ficam, em nossa opinião, em aberto, em uma comparação das obras:

- 1) O “Socialismo Real”, que recebe críticas e até a desqualificação em alguns momentos, dos dois autores, reconhecidamente marxistas, teria ou não – e em que medida – o sido? A resposta a essa pergunta, em nossa opinião traz implicações tanto à visão de Hobsbawm quanto à de Arrighi.
- 2) A tecnologia, que assume um papel mais do que relevante no desenrolar do século XX nos dois autores, seria incorporada como na composição de uma nova “onda de Kondratieff” <sup>12</sup>? Existiria identidade ou nova divergência entre os autores?
- 3) A “Era de Ouro” marca o ponto da expansão do desenvolvimento humano pelo planeta no século. Para Arrighi, o período correlato pode ser visto como uma plena expansão das forças de mercado em nível mundial. Assim, em que sentido a Corrida Armamentista e a Guerra Fria teriam justamente alimentado a necessidade de estoques de investimento líquido para tal

---

<sup>12</sup> Conforme SOUZA (2010).

expansão? E como isso teria afetado não apenas os EUA, ou o centro hegemônico do sistema-mundo, mas sua antítese mais direta no período, a URSS? É importante notar que a resposta pode nos trazer de volta à questão 1.

- 4) Os elementos que ora caracterizam a formação de um sistema-mundo, ou de uma nova hegemonia mundial confirmariam aspectos das visões dos autores? Por exemplo, como enquadrar a atual supremacia militar dos EUA<sup>13</sup>, com o crescente poder de economias emergentes, dotadas elas também de poderio militar significativo, como Índia e China<sup>14</sup>? As corporações teriam poder suficiente para não apenas deflagrar, mas também impedir conflitos militares?
- 5) Ainda sobre a questão militar, como entender o fenômeno da dialética terrorismo-complexo militar industrial, em sua evolução dos anos 1980 para a atualidade<sup>15</sup>? Se, em dado momento, os empreendimentos militares representaram um importante componente do crescimento econômico dos EUA, eles manteriam este papel hoje<sup>16</sup>? Como?

Por fim, é importante afirmar que deixar questões relevantes é a prerrogativa de toda grande obra. No caso dessas, em dobro.

---

<sup>13</sup> Conforme SOUZA (2005).

<sup>14</sup> Conforme ARRIGHI (2009).

<sup>15</sup> Conforme HOBBSAWM (2007).

<sup>16</sup> Conforme SOUZA (2005) e SOUZA (2009).

## Bibliografia

- ARRIGHI, G. *Adam Smith em Pequim*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARRIGHI, G. e SILVER, B. *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial*. Rio de Janeiro : UFRJ-Contraponto, 2001.
- ARRIGHI, G. *O Longo Século XX*. São Paulo: Unesp, 1994.
- BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BRAUDEL, F. *La dinámica del Capitalismo*. Mexico: FCE, 1985.
- HOBBSBAWM, E. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- HOBBSBAWM, E. *A Era do Capital*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- HOBBSBAWM, E. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- HOBBSBAWM, E. *Era dos Extremos. O breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSBAWM, E. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBBSBAWM, E. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KENNEDY, P. *Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- KONDRATIEFF, N. The long waves on economic life. *The Review of Economic Statistics*, vol. XVII, 6, nov. 1935.
- SCHUMPETER, J. *History of Economic Analysis*. Cambridge: CUP, 1991 (1954).
- SCHUMPETER, J. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (1916).
- SOUZA, L. *A Economia dos EUA, 1981 – 2005, uma visão agregada*. São Paulo: LCTE, 2009.
- SOUZA, L. Nota Breve sobre a beligerância e a acumulação no Império Norte-americano. XXIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores Universitários em História (ANPUH). Universidade Estadual de Londrina, Julho de 2005.
- SOUZA, L. O Estudo das Crises na Análise Econômica e Histórico - Econômica. *Terceira Margem: Economia*, v. 3, p. 67-80, 2010.